

FONTE : JBCLASS. : 518DATA : 04/09/88PG. : 16

## Índios ticunas estão no Rio para exigir prisão de pistoleiros

Passados cinco meses do massacre que matou 14 índios e deixou 22 feridos na tribo Ticuna do Alto Solimões, na região de Benjamim Constant, no Amazonas, três índios estão no Rio para denunciar "a impunidade em que se encontram os responsáveis pelo crime". O madeireiro Oscar Castelo Branco, principal responsável pelo massacre, permanece solto, e o processo, que deveria estar na Justiça Federal, "está engavetado" na comarca local. Além disso, os 10 capangas de Oscar foram soltos no final de agosto, o que ameaça ainda mais a tribo. Os índios reivindicam a demarcação urgente das terras ticunas — até agora só 10% estão garantidas.

O madeireiro Oscar Castelo Branco ocupava os 47 hectares da Aldeia São Leopoldo — demarcados em 1987 — e se recusava a deixar a terra sem indenização da Funai. Os conflitos entre o bando de Oscar e os índios ticunas cresciam a cada mês e culminaram no massacre do dia 28 de março, quando os pistoleiros invadiram a aldeia, atirando para todos os lados. Na época, o presidente Sarney determinou ao Departamento de Polícia Federal a imediata apuração dos fatos e o encaminhamento dos envolvidos à Justiça. Foi aberto um inquérito policial e decretada a prisão preventiva dos responsáveis. Oscar conseguiu escapar apresentando uma licença médica.

Quase 160 dias depois do crime, três representantes da tribo — Constantino Ramos Lopes, Nino Fernandes e Pedro Mendes Gabriel — solicitam medidas enérgicas contra os assassinos. "Oscar nunca foi preso, ao contrário do que foi noticiado em todo o país", denuncia Constantino. "Ninguém sabe como o bando saiu da cadeia", acrescenta Nino. Segundo ele, o juiz da comarca de Benjamim Constant está sofrendo fortes pressões e não tem condições de julgar o crime: "Um massacre como esse tem que ficar no âmbito da Justiça Federal, se não vai cair na impunidade total." O índio fala com autoridade de quem, até hoje, não esqueceu a famosa chacina dos cintas-largas em Rondônia, conhecida como o Massacre do Paralelo Onze. Os empreiteiros Arruda e Junqueira autores do massacre, jamais estiveram presos, cabendo a culpa — como sempre — a um dos capatazes da dupla, que permanece até hoje na cadeia.

Os três representantes ticunas encontraram na última quarta-feira o reitor da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Horácio Macedo, a quem propuseram um convênio de saúde entre a tribo e a universidade, sob a orientação do Museu Nacional.